

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Registro da aprovação de Manoel, Andre, Adail, Daniel e Luiz Paulo, no Correio em 1999

Antonio Cunha/Esp.CB



A turma celebrando, em 2011, os 15 anos do programa, na edição impressa do Eu, estudante

rado em Delft, nos Países Baixos, sobre armazenamento de energia. Hoje, André representa a Petrobras, maior produtora e consumidora de hidrogênio do Brasil, nas comitativas brasileiras do International Partnership for Hydrogen and Fuel Cells in the Economy (IPHE).

Morou no Rio de Janeiro. Anos depois, André se estabeleceu em Petrópolis, na serra fluminense, com a esposa e dois filhos, de 12 e 16 anos. As famílias dele e de sua esposa continuam na capital federal. “Eu amo essa cidade; costume ir uma vez por ano”, diz. O laço com a UnB também está retomando: o Cenpes acaba de firmar uma parceria com a engenharia mecânica da universidade.

Sobre sua trajetória pessoal e profissional, repete o que disse em entrevista anos atrás ao **Correio**: “Não tenho do que me arrepender. Cada mudança vem com muito aprendizado, e minha família sempre está comigo.” Sobre o PAS de hoje, recomenda: “Levem esse processo a sério, pois a concorrência é menor do que a do vestibular tradicional.”

De Brasília a Bethesda

Daniel Paiva foi aprovado em biologia, mas a vaga só veio na última fase do programa, depois de um terceiro ano de muita ansiedade. “Foi uma alegria e um alívio muito grandes. Eu tinha ido bem no primeiro e no segundo ano do PAS, mas só na última fase garanti mesmo a minha vaga”, lembra.

Na entrevista que deu ao **Correio** em 1999, aos 17 anos, disse que queria se especializar em engenharia genética: “achava o conceito fas-

cinante, embora não tivesse muita ideia do que se tratava”, conta hoje.

Doze anos depois, começava o doutorado em patologia molecular na UnB. Em nova matéria ao jornal, naquele ano de 2011, expressou a vontade de deixar o país “enquanto ainda fosse possível”.

Duas promessas

Em 2012, fez doutorado sanduíche em Viena, na Áustria, com bolsa da Capes. Ali conheceu a bioinformática: a aplicação da biologia e da computação à análise de dados genéticos em larga escala. Depois, vieram um breve pós-doutorado em Nova Iorque e outros seis anos na Washington University em St. Louis.

Em 2022, o Baylor College of Medicine (BCM), em Houston, o chamou para um trabalho 100% focado em bioinformática. Daniel pesquisa dados genéticos de vírus, fungos e outros micro-organismos causadores de doenças, com foco em vírus respiratórios, como o VSR e o SARS-CoV-2, realizando vigilância genômica em pacientes e no esgoto. Atua na instituição de forma remota, morando em Bethesda, nos arredores de Washington, a mais de dois mil quilômetros do emprego, para o qual viaja uma ou duas vezes por ano. Tem 45 anos, é casado e pai de um filho.

Ao falar sobre ser um brasileiro vivendo no exterior, Daniel cita a saudade de casa, da cultura, da música, da culinária e, sobretudo, da família. E complementa: “O período da covid-19, em particular, foi muito intenso. Como tantos, eu perdi pessoas da minha família e não pude voltar imediatamente para me despedir.”



O PAS, o Enem, o Sisu e as políticas de cotas ampliaram o acesso à universidade pública de forma que teria sido impensável quando eu era vestibulando, e isso é motivo de orgulho”

Daniel Agostinho,
pesquisador da Universidade de Baylor (EUA) e pioneiro do PAS

Ele diz que permanecer no exterior pareceu a opção mais lógica. “Eu não tinha nenhuma perspectiva real de emprego no Brasil, num momento em que a ciência brasileira sofria cortes sucessivos. Então, ficar fora do país me pareceu o caminho mais óbvio”, explica.

Compreende o PAS como uma porta de entrada para sua trajetória profissional, contudo, faz uma ressalva quanto ao programa que o levou à UnB: “Tenho um certo desconforto em transformar isso numa narrativa de mérito individual. Passei no PAS e daí muita coisa aconteceu, mas se eu tivesse nascido em outro CEP, provavelmente não estaria dando essa entrevista. O que me marca hoje é menos o começo da minha trajetória e mais quantas trajetórias parecidas com a minha não aconteceram por falta da mesma porta.”

Para ele, o gargalo brasileiro está antes da porta da universidade. “O sistema seleciona muito bem entre os que chegam ao vestibular, mas quem chega ainda é, em larga medida, quem teve acesso a uma boa escola antes. As cotas ajudaram a corrigir parte disso, mas não substituem o investimento pesado que precisa ocorrer no ensino público fundamental e médio”, avalia.

Embora expresse tal preocupação, Daniel reconhece os benefícios do sistema de ensino superior brasileiro em comparação com o estadunidense. “O Brasil acertou em muita coisa que os Estados Unidos ainda não conseguiram resolver. O acesso ao ensino superior público e gratuito é uma conquista social enorme, especialmente quando comparado à realidade americana, onde um estudante sai da faculdade com dívidas que podem passar de 100 mil dólares e levar décadas para serem quitadas”, diz.

Para quem pensa em seguir caminho parecido, Daniel avisa: “Ciência boa se faz em muitos lugares, inclusive no Brasil. Ir para fora amplia horizontes, mas não te torna automaticamente um pesquisador melhor. O que te torna um melhor pesquisador é o trabalho, e isso você leva para onde for.” E acrescenta o preço que quase ninguém conta: “Você perde coisas que só percebe depois, como a distância da família, o aniversário do sobrinho por videochamada e a sensação de estar em casa. Se for, vá sabendo dos dois lados. E não ache que voltar é fracasso, porque não é.”

Apesar da experiência compartilhada na juventude, o contato

entre os três não é mais constante. André mantém conversa regular apenas com Manoel, que segue na capital federal. Daniel, dos Estados Unidos, diz que ainda fala com os colegas “de vez em quando” pelas redes sociais. “Mudar de país faz você perder um pouco do contato com muita gente”, avalia.

Alternativa

Três histórias. Uma porta aberta há 30 anos. André, Manoel e Daniel fizeram parte dos primeiros 991 aprovados pelo Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS/UnB) em 1999. De lá para cá, a modalidade se expandiu. A mudança mais estrutural ocorreu em 2017: a UnB passou a destinar metade de todas as vagas de graduação aos aprovados pelo PAS, que deixou de ser uma via secundária para se tornar o principal mecanismo de ingresso da instituição, posição mantida até hoje. Em 2026, a Resolução 130/2026 determinou que, a partir de 2029, a oferta de vagas do programa será concentrada no primeiro semestre letivo.

“O PAS tirou o peso de ter uma só prova, de ter o futuro definido num só momento. Você podia ir mal durante um ano letivo e se recuperar no ano seguinte. A maioria dos colégios te preparava pra uma prova, não pra aprender. Isso matava a curiosidade dos estudantes”, explica Daniel. E conclui: “O PAS me deu a chance de continuar curioso na idade em que o vestibular normalmente ensina a gente a parar.”

***Estagiário sob a supervisão de Ana Sá**